

**DA FALA PARA A ESCRITA:
O APAGAMENTO DO RÓTICO
POR ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Geisa Borges da Costa (UFRB)
geicosta@ufrb.edu.br

1. Introdução

Um dos campos em que a teoria da variação linguística se mostrou bastante fecunda, tal como proposta por Weinreich, Labov e Herzog, em 1968, foi o da fonética. Nesta área de estudos, diversos trabalhos sociolinguísticos têm contemplado o rótico como foco de análise, pelo fato de este oferecer várias possibilidades de variação e realização. Em posição pós-vocálica, são numerosas as pesquisas em diversas regiões do Brasil que demonstram seu total apagamento.

Na linha da sociolinguística variacionista laboviana destacam-se trabalhos como a tese de doutorado de Dinah Callou (1979), que marca o início dos estudos acerca deste fonema na fala urbana culta. Seguindo esta trilha, vários outros trabalhos enfocaram a realização deste fenômeno linguístico em diferentes estados brasileiros, buscando as correlações estruturais e sociais para descrever e explicar a realização ou a ausência de realização deste fonema em diversos dialetos do português do Brasil.

As pesquisas de cunho sociolinguístico que trataram da realização variável do /r/ demonstraram que em posição final de vocábulo, o zero fonético é uma das variantes mais produtivas para o rótico, acontecendo majoritariamente em todas as regiões pesquisadas e sem marca de classe social.

Para os professores que lidam com o ensino de português no nível fundamental, há uma repercussão clara desses fenômenos na escrita. É muito comum encontrar-se nos textos dos alunos palavras em que a letra *r* em posição final não é grafada. Em vários casos, muitos professores tratam desses fatos da mesma maneira

como tratam, por exemplo, de desvios como o que se observa em “excessão” por “exceção”: consideram apenas haver um desvio gráfico, decorrente das irregularidades do sistema alfabético da língua portuguesa.

Esta pesquisa, de natureza empírica e eminentemente descritiva, enquadra-se nos princípios teóricos da sociolinguística quantitativa, na medida em que pretende investigar os aspectos linguísticos e extralinguísticos relacionados ao apagamento do rótico em posição de coda final na escrita de estudantes das séries iniciais da cidade de Catu (BA).

Estudos realizados sobre a língua escrita vêm dando uma contribuição significativa para a área educacional, aproximando cada vez mais a teoria linguística da prática pedagógica. Assim, este trabalho persegue os seguintes objetivos: a) analisar os níveis de apagamento do rótico na escrita de estudantes das séries iniciais; b) apontar os contextos linguísticos que favorecem o apagamento; c) investigar as possíveis relações entre o apagamento e fatores sociais; d) identificar o grau de interferência da fala na escrita dos estudantes que participaram da pesquisa.

Além disso, esse estudo poderá trazer uma contribuição significativa aos segmentos escolares iniciais e até mesmo à formação de professores de língua materna, já que os achados de pesquisas acadêmicas deste nível podem ser aplicados ao cotidiano daqueles que atuam na educação básica, possibilitando um conhecimento mais sistemático acerca de alguns fatos da língua.

Portanto, a aproximação entre a pesquisa sociolinguística e o trabalho pedagógico torna-se imprescindível para que o ensino de língua portuguesa torne-se mais eficaz e menos prescritivo, na medida em que esses estudos, baseados na relação entre a linguagem e fatores socioculturais e estruturais, podem fornecer ao professor elementos importantes para entender e trabalhar com a variação linguística presente em sala de aula, tanto na fala espontânea dos alunos quanto na escrita dos mesmos.

2. Estudos sobre a interferência da fala na escrita

Muitos elementos linguísticos sujeitos à variação na fala coloquial do indivíduo podem ser encontrados, com um relativo grau de facilidade, nas produções escritas por estas pessoas, principalmente daquelas provenientes das escolas públicas.

Estas variações acontecem em todos os níveis linguísticos: no lexical, no morfossintático e, sobretudo, no nível fonético-fonológico, o que acaba se manifestando na língua escrita e se traduz em uma escrita não padrão. Nesse tipo de escrita aparecem fatos que divergem do que é prescrito nas gramáticas normativas em campos como a sintaxe de concordância e de regência, a colocação dos clíticos pronominais. Ainda se pode verificar, na escrita, a omissão de muitos segmentos que não são pronunciados na fala coloquial.

Ao chegar à escola, a fala já é uma modalidade adquirida e dominada na aquisição da língua pelas crianças, que a utiliza com competência nas mais diversas situações comunicativas do seu cotidiano. A escrita é considerada uma forma de linguagem secundária, que surgiu há apenas cinco mil anos como uma necessidade de o homem registrar seus usos orais, numa tentativa de representação da fala. Entretanto, representar ortograficamente a fala constituiu-se em uma grande dificuldade, principalmente para as crianças em início de escolarização. Mas não só para elas, pois até mesmo entre os adultos já escolarizados são frequentes as dúvidas com relação à grafia de determinadas palavras.

Quando entram em contato com a escrita, que, no nosso caso, é de base alfabética, as crianças precisam associar som, distintividade e representação gráfica. No sistema de escrita alfabético, cada letra deveria representar um som e vice-versa; mas, no português, essa regularidade quase nunca pode ser aplicada. São poucos os casos, no português do Brasil, em que há uma correspondência biunívoca entre letra e som, como no caso das letras p, b, f, v. Assim, o sistema alfabético-ortográfico ocidental é bastante complexo, constituindo-se em uma grande dificuldade para os indivíduos

grafarem os enunciados nos primeiros contatos com o texto escrito.

Segundo Monteiro (2003, p. 46), vários estudos realizaram uma análise detalhada das relações entre grafemas e fonemas e demonstraram que estas relações são, por um lado, muito mais complexas do que aparentam e, por outro, mais previsíveis do que se espera. Tais estudos procuram descrever as regularidades e irregularidades do sistema e salientam que, algumas vezes, se pode recorrer às regularidades existentes, como forma de facilitar a compreensão daqueles que estão aprendendo.

Nos sistemas alfabéticos de escrita existe uma relação entre letra e som da fala, ou seja, os segmentos gráficos representam segmentos sonoros. Esse reconhecimento entre unidade sonora e gráfica é essencial para quem está dando os primeiros passos na aventura da escrita. Porém, a dificuldade que se impõe para o aprendiz, mesmo quando ele já compreendeu essa ideia de que cada letra representa um som, é que existe uma grande complexidade entre sons e letras, já que nem sempre essa correspondência é biunívoca.

Um trabalho pioneiro na tentativa de verificar a influência da linguagem oral na escrita de estudantes foi realizado por Câmara Jr. em 1957. O autor analisou a produção escrita de 62 alunos de um colégio do Rio de Janeiro, com idade entre onze e treze anos, a fim de detectar os erros ortográficos cometidos com mais frequência como consequência de realizações linguísticas utilizadas por esses alunos no ambiente familiar.

O estudo mostrou variações de ordem fonética, morfológica e sintática na escrita que refletem tendências já observadas na língua oral do Rio de Janeiro. As principais alterações fonéticas observadas pelo autor foram:

- Debilidade do acento tônico quando o vocábulo se acha no interior de um grupo de força;
- Tendência a anular-se a oposição entre [e] e [i] assim como [o] e [u] em posição pretônica;

- Tendência a nasalar a sílaba simples i-;
- Redução sistemática do em- inicial a in-;
- Certa tendência a nasalar [i] ou [u] tônicos finais;
- Anulação da oposição entre o ditongo [ou] e [o] fechado;
- Tendência à vocalização do [l] velar posvocálico;
- Precariedade do [r] e do [l] intervocálicos em contato com [i];
- Tendência à omissão do [s] e do [r] finais.

Quanto a esta última alteração fonética encontrada nos textos dos alunos, o autor ilustra com a forma verbal “singrar” que foi grafada como “sincra” e a expressão “podiam ser” que foi escrita “podiam-se”. Essa supressão do –r final demonstra uma tendência típica na linguagem coloquial do Rio de Janeiro.

Mattoso Câmara faz uma extensa exemplificação de variantes linguísticas que revelam tendências da língua falada no Brasil, particularmente no território do Rio de Janeiro, e que também foram detectadas na produção escrita dos alunos, o que evidencia que alguns “erros” escolares podem ocorrer devido à interferência da língua oral.

Freitas (2004) fez uma análise de redações de alunos da quinta série de uma escola pública de Salvador e constatou inúmeras variações na grafia dos alunos. Dentre diversos problemas ortográficos, a autora selecionou como objeto de estudo a expressão “dos outros”. Para esta forma linguística, foram encontradas as seguintes variantes: “o soto”, “do zoto”, “do soutro”, “do soto”, “do zotro”, “do zoutro”, “do sotro”, “do solto”, “do zouto”, “do soto”, “do zotros”.

A marca de plural da expressão só aparece uma vez nos textos e é registrada apenas no segundo elemento. Conforme a autora, o conhecimento da língua dá a esses falantes a certeza de que expressões com essas características linguísticas, mesmo grafadas

sem a marca tradicional de plural, referem-se a mais de uma pessoa.

Outra observação é que essas variantes encontradas na escrita dos alunos apresentam uma transcrição gráfica fortemente marcada pela interferência da linguagem oral, resultante de um processo de ligação entre elementos e ausência de juntura, o que leva muitos estudantes em início de escolarização a cometerem desvios ortográficos.

Freitas salienta que, diante de erros ortográficos, a orientação pedagógica aos alunos deve ser variada, adaptando-se à situação em que os problemas ocorrem. Dentre as diversas possibilidades, cita a apresentação de algumas frases grafadas com a segmentação vocabular do modo como aparecem nos textos. Elas devem ser colocadas ao lado de outras frases em que cada um dos elementos das expressões a serem trabalhadas apareçam juntos a elementos com os quais fossem formadas seqüências passíveis de juntura. A seguir, o professor deve proceder comparando os dois tipos de grafia, a fim de que o aluno consiga fazer uma reanálise e uma reestruturação da segmentação vocabular, ausente na linguagem oral, mas exigida pela norma padrão escrita.

Carvalho (2009) descreve o processo de aquisição das consoantes líquidas por crianças usuárias da variedade popular do português do Brasil em Salvador, observando a influência da escolarização neste processo e a interferência dessa variedade na escrita das crianças.

A coleta de dados foi feita com 35 crianças que possuíam entre 4 e 10 anos de idade, e a principal hipótese da autora é a de que, aos cinco anos de idade, as crianças falantes da variedade não padrão já adquiriram grande parte das líquidas, com exceção da “vibrante” em posição final, que não é realizada por nenhum indivíduo que utiliza essa variedade e da lateral dento-alveolar como segundo elemento do encontro consonantal.

Outra hipótese de Carvalho, bastante similar à nossa, é que, assim como as crianças não pronunciam o /R/ em posição final,

essa variante também não seria representada graficamente no início da aprendizagem da escrita, devido à interferência da fala. Por outro lado, ao final das séries iniciais, os alunos, segundo a autora, já representariam a maioria dos sons líquidos conforme o sistema ortográfico do português, pois já seriam capazes de compreender as irregularidades da relação entre fonema e grafema.

Com relação aos dados referentes às realizações do /R/ na fala, foi constatado um número bastante significativo desse fonema, com percentuais que variam entre 72% e 95%, sendo o maior número de ocorrências relativo ao que Carvalho classifica de vibrante múltipla e o menor índice destinado ao que ela considera como vibrante final. A autora justifica essa redução de ocorrência do /R/ em final de palavra pelo fato de este ser também o fonema que, normalmente, é apagado na fala dos indivíduos que utilizam o português popular.

No que diz respeito à posição final, Carvalho encontrou uma grande diferença entre os percentuais de ocorrência do /R/ em posição interna e em posição final de palavra, pois na fala esse fonema é adquirido apenas em posição de sílaba medial, já que nas variedades populares do português brasileiro, ele não é realizado em posição final de palavra.

O número de representação escrita foi baixo nas duas posições nos alunos mais novos, aumentando, de maneira significativa, a representação ortográfica para a posição final interna nos grupos de alunos com idade maior. O índice de ocorrências para o /R/ em posição final na escrita só vai ser significativa no grupo a que pertence os alunos que já estão nas séries finais.

Quanto à representação gráfica do rótico, houve um predomínio da supressão do grafema “r” em grande parte das ocorrências do grupo de crianças com 7 anos como em “Baco” por “barco”; já no grupo de crianças com 8 anos, esse grafema foi representado em 69% das ocorrências.

A autora também encontra casos em que há uma inversão na posição dos elementos, constatando-se outros grafemas como em

“frol” para “flor”, casos que considera hipercorreção como “solvente” para “sorvete” e “soste” para “sorvete”, em que se evidencia um domínio ainda insuficiente da representação gráfica.

Em um trabalho intitulado *Da linguagem coloquial à escrita padrão*, Mollica (2003) estuda o cancelamento do rótico em posição medial e final de palavra na escrita de estudantes das séries iniciais do estado do Rio de Janeiro visando à correção destes cancelamentos influenciados pela fala.

A metodologia utilizada consistiu em aplicar um teste em que os alunos da primeira à quarta série do ensino fundamental tinham que grafar, de acordo com as figuras, as palavras que completavam as lacunas do teste, as quais previam a realização do rótico em posição final e medial. Cada turma foi dividida em dois grupos: um grupo respondeu o teste sem qualquer orientação prévia, e o outro foi instruído acerca da variação na fala e sua possível influência na escrita e para as variáveis que mais influenciam a manutenção ou o apagamento do fonema em questão. Além desta, foram controladas outras variáveis sociais como sexo e nível de escolaridade dos alunos. Quanto aos fatores estruturais, a autora observou o efeito da classe gramatical, extensão dos vocábulos, tipo de vogal precedente ao segmento, tonicidade da sílaba e categoria do item lexical.

O estudo de Mollica procurou responder às seguintes questões:

1. A manifestação de alguns fenômenos que acontecem na fala começa, na escrita, por itens ou por contextos?
2. Como aproveitar pedagogicamente as descrições científicas dos estudos realizados sobre a língua falada?
3. O aluno, quando monitorado, consegue um melhor desempenho na escrita?

O trabalho demonstrou que, uma vez que o cancelamento do rótico em contexto final é uma mudança que está mais avançada na fala, a recuperação da consoante neste contexto, na escrita, é

mais difícil para o aluno, o que demonstra a importância de o professor, nesses casos, fazer um trabalho pedagógico mais reforçado.

Portanto, as estratégias didáticas para a aquisição, na escrita, dos fenômenos variáveis na fala, devem ser explícitas, pois à medida que o aluno toma consciência desses fatos linguísticos da fala que podem interferir na escrita, a tendência é que os problemas ortográficos diminuam e a recuperação desses segmentos aconteça sem muitos traumas para o aprendiz.

3. Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, tomamos por base o modelo teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa. A pesquisa foi realizada com dezoito estudantes da segunda à quarta séries do primeiro ciclo do ensino fundamental de uma escola pública do município de Catu, todos nascidos e residentes nesta cidade, filhos de pais que estudaram no máximo até o ensino fundamental.

Foram testados 03 meninos e 03 meninas, numa faixa etária média entre oito e treze anos que tivessem estudado sempre em escola pública. A fim de observar o apagamento do rótico na escrita em posição final de palavra, elaborou-se previamente um instrumento contendo diferentes tipos de testes, a partir de palavras que contemplavam o fonema /R/ em diversos contextos de variação.

Para uma análise estatisticamente mais rigorosa, os dados levantados foram codificados e submetidos ao pacote de programas GOLDVARB X, que, a partir de frequências totais de ocorrências dos dados linguísticos, seleciona os fatores mais importantes que determinam a ocorrência de uma variante. Assim, os resultados estatísticos do programa computacional dão um suporte matemático às conclusões a que se pode chegar sobre as variáveis linguísticas e sociais controladas na pesquisa.

4. Análise dos dados

Os grupos de fatores selecionados pelo programa como favorecedores do apagamento do /R/ em posição final de vocábulo, por ordem de seleção, foram: 1) Escolaridade; 2) Gênero; 3) Extensão da palavra; 4) Contexto precedente.

Os resultados serão apresentados de acordo com a ordem de seleção feita pelo programa.

4.1. Variável escolaridade

O primeiro grupo eleito, a escolaridade, mostrou, como já era esperado, mais aplicação da regra de apagamento para os estudantes que apresentavam menor grau de escolaridade, conforme os números da tabela abaixo:

Série	Aplic/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
Segunda série	207/216	95%	0,95
Terceira série	125/356	35%	0,26
Quarta série	385/150	38%	0,30

Significância: 0,003

Tabela 1 – Apagamento do /R/ final em verbos segundo a escolaridade

Série	Aplic/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
Segunda	111/175	63%	0,77
Terceira	40/192	20%	0,35
Quarta	45/205	21%	0,37

Significância: 0,045

Tabela 2 – Apagamento do /R/ em final de nomes segundo a escolaridade

Os números das tabelas demonstram que, à medida que os alunos avançam nas séries escolares, tendem a diminuir o apagamento do /R/ final na escrita. Não houve praticamente nenhuma diferença de desempenho entre os informantes da terceira e da quarta série. Os pesos relativos para esses fatores são praticamente idênticos: 0,26 e 0,30 para o /R/ em final de verbos e 0,35 e 0,37 para a supressão do /R/ em final de nomes. Parece que a diferença está mesmo entre esses dois grupos e os informantes da segunda

série, cujos pesos relativos do apagamento tanto em final de verbos quanto em final de nomes são bastante altos: 0,95 e 0,77, respectivamente. O segmento /R/ em final de verbos foi praticamente bloqueado pelos alunos da segunda série, o que nos leva a considerar que este fato pode ser também um problema de alfabetização, já que, no contexto das escolas públicas do município, boa parte dos alunos ainda está sendo alfabetizada nessa série escolar.

O convívio com as práticas escolares parece influenciar no índice de recuperação dessa variável. Quanto mais tempo o indivíduo frequentou a escola e teve mais contato com a escrita, mais ele representa graficamente a variante /R/, reconhecendo, portanto, a presença desse elemento ao final do vocábulo.

4.2. Variável gênero do informante

O segundo grupo eleito, o gênero, confirma a hipótese de que as meninas recuperariam mais o /R/ na escrita, sendo mais sensíveis à norma-padrão. Os números mostram que o apagamento do segmento ocorre de maneira bem mais significativa entre os alunos do sexo masculino, confirmando os resultados de outros estudos que demonstram que as mulheres costumam privilegiar formas linguísticas de maior prestígio.

Gênero	Aplic/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
Masculino	287/468	61%	0,65
Feminino	489/195	39%	0,35

Significância: 0,003

Tabela 4 – Apagamento do /R/ final em verbos
segundo o gênero do informante

Gênero	Aplic/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
Masculino	124/277	44%	0,64
Feminino	72/295	24%	0,36

Significância: 0,045

Tabela 5 – Apagamento do /R/ final em nomes
segundo o gênero do informante

Observando-se os pesos relativos para os dois gêneros, pode-se verificar que os meninos utilizam mais a regra de apagamen-

to do que as meninas. Portanto, o fator gênero apresentou-se de forma relevante no *corpus*, uma vez que as meninas destacaram-se bastante, apresentando uma recuperação significativa do segmento variável na escrita, ratificando uma tendência demonstrada por outros estudos variacionistas, inclusive os de Tasca e Mollica citados acima, que consideram o sexo masculino mais distante das formas linguísticas tradicionalmente prescritas.

4.3. Variável extensão da palavra

Este foi o penúltimo grupo selecionado pelo programa. Vejam-se os pesos relativos referentes a cada um dos fatores que o compõem.

Extensão da palavra	Aplic/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
Monossílabo	10/50	20%	0,19
Dissílabo	151/349	43%	0,41
Trissílabo	218/364	59%	0,57
Polissílabo	103/194	53%	0,59

Significância: 0,003

Tabela 6 – Apagamento do /R/ final em verbos segundo a extensão da palavra

Extensão da palavra	Aplic/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
Monossílabo	11/123	8%	0,14
Dissílabo	53/155	34%	0,46
Trissílabo	67/140	47%	0,71
Polissílabo	65/154	42%	0,66

Significância: 0,045

Tabela 7 – Apagamento do /R/ final em nomes segundo a extensão da palavra

A nossa hipótese, baseada em outros trabalhos sobre o apagamento do rótico, era a de que o apagamento seria mais recorrente nos vocábulos de maior dimensão, o que foi confirmado, como se pode observar nas tabelas acima, em que os trissílabos e polissílabos favorecem a aplicação da regra de supressão do rótico tanto para os verbos quanto para os nomes, com um percentual significativo de apagamento. Já nos vocábulos constituídos apenas por uma sílaba, houve uma regra contrária, atuando no sentido da pre-

servação do segmento /R/ no final das palavras, independentemente da classe gramatical, como é possível notar nos pesos relativos baixos para a supressão do segmento em final de verbos e nomes: 0,19 e 0,14, respectivamente.

4.4. Variável contexto precedente

O último grupo selecionado pelo programa como favorecedor do processo de apagamento do /R/ final na escrita foi a vogal que antecede o segmento em foco, das quais a anterior alta /i/ demonstra forte probabilidade de levar ao cancelamento do /R/ em final de verbos, com um peso relativo de 0,64. Já para os nomes foram as vogais médias anteriores que favoreceram o apagamento, com um peso relativo de 0,69.

Contexto precedente	Aplic/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
a	372/695	53%	0,53
e	94/225	41%	0,37
i	16/34	47%	0,64

Significância: 0,003

Tabela 8 – Apagamento do /R/ final em verbos segundo o contexto precedente²³

Contexto precedente	Aplic/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
a	40/141	28%	0,57
e/É	42/79	53%	0,69
o/Ó	114/352	32%	0,42

Significância: 0,045

Tabela 9 – Apagamento do /R/ final em nomes segundo o contexto precedente

Segundo Mollica, é importante levar em consideração a influência da vogal precedente, já apontada como marcante nos estudos sobre a fala e, junto com a variável categoria gramatical da palavra, constituindo-se também num parâmetro relevante para o processo da apropriação da escrita. Segundo a autora, as vogais *a*, *i* e *u*, antecedentes ao segmento /R/ que deve ser recuperado na es-

²³ Por se tratar do ambiente linguístico que antecede o rótico nos verbos, foram consideradas as vogais pertencentes à primeira, segunda e terceira conjugação.

crita, deverão ser os principais ambientes a ser primeiramente trabalhados com o aprendiz na fase inicial da escrita.

Oliveira (2008), analisando fenômenos fônicos em documentos redigidos por africanos e afrodescendentes de uma irmandade negra do século XIX em Salvador, considera que há uma maior incidência de apagamento do /R/ em verbos de primeira conjugação pelo fato de estes também serem mais produtivos na língua portuguesa.

Callou, Moraes e Leite (2002) assinalam que, em posição final, as vogais favorecedoras do apagamento são as vogais não arredondadas, ao passo que as arredondadas inibiriam o processo.

Em estudo realizado por Cunha, Rodrigues e Nascimento (2006), as autoras destacam que dentre as possibilidades de vogais precedentes, a que se revelou como maior favorecedora do cancelamento do /R/ foi a vogal alta anterior não arredondada [i]. Para as autoras, os resultados obtidos confirmam uma tendência geral no português do Brasil quanto ao comportamento das vogais [+ arredondadas] e [- arredondadas], sendo estas últimas mais favorecedoras à eliminação do /R/.

Nos dados da escrita dos estudantes que participaram desta pesquisa, os resultados confirmam, portanto, uma tendência observada na fala de que os maiores pesos relativos referentes ao apagamento do /R/ em final de palavra recaíram sobre as vogais não arredondadas /i/ e /e/, a primeira para o /R/ em final de verbos e a segunda para este segmento em final de nomes com um peso relativo de 0,64 e 0,69, respectivamente.

Para melhor definir os resultados referentes às variáveis linguísticas, foi feita uma nova rodada utilizando a variável grau de familiaridade com a palavra e os fatores sociais selecionados pelo programa. O GOLDVARB selecionou esse fator linguístico como importante para o apagamento do /R/ tanto em final de verbos quanto em final de nomes, como se pode verificar nas tabelas abaixo:

Familiaridade	Aplic/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
+ familiar	237/518	45%	0,45
- familiar	245/439	55%	0,54

Significância: 0,003

**Tabela 10 –
Apagamento do /R/ em final de verbos
segundo o grau de familiaridade com a palavra**

Familiaridade	Aplic/Ocorrência	Percentual	Peso relativo
+ familiar	67/284	23%	0,40
- familiar	129/288	44%	0,59

Significância: 0,045

**Tabela 11 –
Apagamento do /R/ em final de nomes
segundo o grau de familiaridade com a palavra**

O grupo de fatores grau de familiaridade com a palavra teve um peso significativo no resultado dos dados, havendo uma diferença considerável entre a grafia de palavras consideradas mais familiares na escrita dos alunos e a grafia de palavras menos usuais na escrita dos mesmos. Estas últimas favoreceram a regra de cancelamento do segmento /R/ com um peso relativo de 0,54 para os verbos e 0,59 para os nomes.

5. Considerações finais

O estudo aqui apresentado mostrou que o apagamento do rótico em coda silábica, observado na escrita das séries iniciais, é condicionado tanto por fatores estruturais quanto por fatores sociais.

Do ponto de vista estrutural e discursivo, os resultados revelaram que, no que diz respeito ao cancelamento do /R/ em final de vocábulo, alguns fatores linguísticos como a extensão da palavra, o contexto antecedente e o grau de familiaridade com o vocábulo exerceram papel decisivo.

Os fatores sociais observados no estudo também tiveram um peso significativo no favorecimento da regra de apagamento do rótico na coda final da sílaba. O fator escolaridade mostrou a discre-

pância entre os alunos da segunda e os da terceira e quarta séries, ocorrendo uma grande redução do apagamento do rótico na passagem da segunda para a terceira série.

Com relação ao fator gênero, a pesquisa confirmou a expectativa inicial, pois as meninas utilizaram menos a regra de apagamento, o que corrobora também com outros trabalhos produzidos na linha da sociolinguística quantitativa.

Os resultados do trabalho demonstram que à medida que os alunos avançam na escolarização, os desvios em relação à língua padrão, na escrita, diminuem sensivelmente e os alunos, pressionados pela cobrança escolar, acabam adquirindo o dialeto exigido pela escola, pelo menos nas práticas de escrita monitorada.

Considerando-se que o apagamento do rótico em posição final de vocábulo é categórico na fala dos estudantes e na escrita já se conseguiu obter 50% de manutenção para o final dos verbos e 66% para o final dos nomes, pode-se afirmar que a escola tem conseguido uma margem significativa de sucesso na recuperação do segmento.

Levando em conta que o acesso da maioria dos alunos oriundos de escolas públicas à cultura escrita acontece primordialmente na e através da escola, é importante ressaltar o papel que a mesma tem exercido na aquisição do padrão escrito da língua pelos estudantes.

De acordo com os percentuais gerais apresentados no trabalho, as formas padrão das palavras que continham o rótico em posição final superaram, na escrita dos alunos, as ocorrências das formas não padrão. Este fato pode ser considerado uma indicação clara da influência dos padrões linguísticos escolares, já que este segmento não é pronunciado pelos aprendizes, pelo menos no que se refere à posição final de vocábulo.

Nota-se, dessa forma, a forte influência da escola no que tange à aquisição do dialeto padrão, nas situações marcadas pelas práticas da língua escrita, que exige um registro bastante diferenciado daquele em que ocorre a fala coloquial, pois os percentuais

de ocorrências das formas não padrão caem sensivelmente conforme aumenta a escolarização do aluno.

Embora a escola tenha atuado positivamente na escrita dos alunos no que tange ao domínio de certos aspectos da língua prestigiada, deve-se pontuar aqui a importância de o professor das séries iniciais ter uma formação linguística sólida e conhecer as pesquisas que tratam da heterogeneidade encontrada na língua escrita, a fim de que o processo de aprendizagem desta modalidade aconteça de forma menos traumática e mais sistemática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLOU, Dinah. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1987, Tese (doutorado em Linguística) – UFRJ.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Erros de escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. (Org.). *Dispersos de Mattoso Câmara Jr.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CARVALHO, Renata Lemos. *A aquisição das consoantes líquidas por crianças usuárias de uma variedade não padrão do português*. 2009. 199 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

FREITAS, Judith. A variante gráfica do zotro. In: FERREIRA et al. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2ª ed. Salvador: Centro editorial e didático da UFBA, 1994.

MOLLICA, Maria Cecília. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

MONTEIRO, Ana Márcia Luna. Sebra-ssono-pessado-asado: o uso do "s" sob a ética daquele que aprende. In: MORAIS, Artur Gomes. (Org.). *O aprendizado da ortografia*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 43-60.

OLIVEIRA, Klebson. Rotacismos e outras rotas: fenômenos com as consoantes líquidas em textos do Brasil oitocentista. Estudos linguísticos e literários, Programa de pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, jan.-dez.2008, nº 37-38, p. 227-270.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.